



Capítulo 13 – Ennui

Luzes piscavam ao meu redor.

Fractais apareciam e desapareciam como revelações. Tudo que permeava o meu campo de vista eram luzes e padrões coloridos.

Eu estava de volta. De volta ao mais profundo lugar da minha consciência.

A “sala caleidoscópio”.

A sala fractal.

Eu voltei.

— Eu... Eu morri? — perguntei ingenuamente. — Isso é o céu?

— Você quer dizer, o pós-vida? — A voz familiar vinha detrás de mim.

— Digo, talvez eu tenha ido pro inferno. As coisas nem sempre acabam como a gente espera, certo? É... Digo... Eu morri... Mas... — Não tinha certeza do que estava falando.

Eu morri. Consigo me lembrar da dor e do sofrimento da minha morte. O problema é que... Senti como se isso não fosse uma novidade. Quero dizer, senti minha morte como qualquer morto deveria “senti-la”. Mas, de alguma forma muito distorcida e maluca, senti um déjà vu com a minha própria morte.

Como isso pode...

Será que o fato de ter visto minha morte na visão criou algum tipo de confusão mental no pós-vida? Digo, é possível ter uma confusão mental no pós-vida?

— Hmm... Imagino que deve ser bem possível ficar confuso no pós-vida. — O garoto falou novamente. Aquela voz não era somente familiar: Era ele. O alter-ego.

Argh. Como ele fala! Estou num momento importante de reflexão aqui! Até quando eu fugia do detetive assassino ele não parava de ecoar na minha cabeça. Se bobear, metade do que aconteceu é por culpa dele. Como ele me respondeu tão prontamente se nem ao menos falei com ele?

— Bem... Independente do momento de reflexão, se estamos dentro da sua mente, é bem óbvio que o que você pensa vai meio que ecoar por todo o lugar, não?

Cale a boca.

— Você não vai nem ao menos *falar* comigo?

Não. Cale a boca.

— Uau, ok, você está ainda mais antissocial. Não me impressiona que você tenha acabado de uma forma tão retardada.

Eu não estou no clima pra isso agora.

— Você não está morto, idiota. — Ele falou, finalmente dando as caras. Como sempre, uma perfeita cópia de mim mesmo.

Oh, mas que maravilhosa surpresa!

— Acho que você está bem feliz por saber das boas novas, mas quer fingir ser um cara “cool” que “já sabia que estava tudo bem”. Claro! Só um idiota não perceberia que você não está morto de verdade, não? Ah, mas é verdade, você é um idiota!

Isso não seria o mesmo que xingar a você mesmo?

— Hmm... De uma certa forma... Talvez? Argh, sério, não tem como você parar com a voz ecoante? É irritante, sabia? Digo, **eu** sou o Fatou imaginário aqui, não?

— O feitiço foi contra o feiticeiro. Você bem que merece. — Voltei a falar de forma normal. Torturá-lo mais seria insensível de minha parte. Posso ser chato comigo mesmo até certo ponto.

— É que eu estava impaciente. Ficar assistindo você parado enquanto o Hauser ia com a faca na direção da Julia. Tive que dar uma forcinha pra você. Sério, estava vendo tudo ir pelos ares. — O alter-ego bateu a palma da mão no seu rosto. — Viu? Até eu estou começando a ficar idiota. “Você, você”. Acho que a essa altura do campeonato “você” já deve ter percebido, não?

Na verdade, não. Embora eu estivesse, cada vez mais, entendendo a situação em que me encontrava, ainda não conseguia entender o que aconteceu durante estas duas semanas. Se eu não morri... Então... Quem morreu?

— Exatamente. Bela pergunta. É nesse assunto em específico que vou tentar entrar.

— Espera, você ouviu até isso? Como você pode ouvir a narrativa?

— Fatou... — O alter-ego me olhou com uma expressão de irritação. Ele estava prestes a me dar um soco, ainda mais considerando que ele estava me devendo um soco desde a primeira visão. — Obrigado por me lembrar.

Droga.

— Mas isso significa que você conseguiu, não? Você conseguiu a coragem que tanto desejava?

— Talvez. Poderia dizer que eu “consegui” essa tal coragem, mas, no final, parece que a coragem sempre estava comigo. Alguma coisa sobre olhar para o meu nome e usar ele como uma recordação dada pelos meus antepassados? Não lembro exatamente de como foi falado, mas eu acho que ouvi isso em... algum lugar.

O alter-ego sorriu.

— Vamos combinar assim: Me chame de Ennui. Um nome francês por outro nome francês.

— Esse é o seu nome? — perguntei ingenuamente de novo.

— Não, babaca, esse é só um codinome pra mim. Eu ainda sou você.

Isso está cada vez mais esquisito. Embora eu pudesse dizer que minha saúde mental era relativamente boa, não podia negar que existia um medo de acabar percebendo que era esquizofrênico desde o início.

— Isso é uma referência, certo? Eu posso não saber francês, mas sei muito bem o que significa, só sei disso por causa de Óscar Wilde. É Oscar Wilde, né? Tenho certeza — falei colocando o dedo indicador na cara de Ennui.

— Bingo. É Óscar Wilde.

Ninguém melhor para conhecer a mim do que eu mesmo.

— Fatou, vou ser sincero, isso já está ficando cansativo. Não quero lembrar de coisas ruins, mas acho que você acabou de ver algumas cenas bem perturbadoras, não?

De fato. Até poucos momentos atrás eu estava sendo esfaqueado por Hauser no meio de um beco escuro. Não era muito estranho estar tão tranquilo e alegre agora?

— Fatou, você sabe qual é a sua habilidade?

— Claro, ler fractais — respondi com arrogância.

Ennui andou em direção a sua cadeira localizada ao centro da sala.

— Certo. Ler fractais é o que todos vocês fazem. Até porque essa é a diferença de vocês para mim. Na minha vez eu não tinha nada disso. Não encontrei Laplace, eu não tive sonhos nem visões. Para falar a verdade, vivi uma vida bem satisfatória.

Novamente eu estava me perdendo.

— Seria bom nós voltarmos para o assunto original, não? — Me conhecendo como conheço, era possível que o assunto viajasse demais. Prefiro fazê-lo voltar ao tema inicial.

— Certo... O caso aqui, Fatou, é que a habilidade de “ler fractais” não é muito rara. Ela só é... Pouco desenvolvida, talvez? Você também leu o trabalho do professor Tobias, você sabe do que eu estou falando. Todos seres humanos conseguem compreender padrões. Encontrar padrões é o que torna o ser humano capaz de fazer ciência. A leitura de fractais só é esta mesma habilidade de uma forma infinitamente mais complexa.

— Bem... Acho que a Julia me explicou bem essa parte.

— De novo, ela não te explicou nada e mesmo tudo aquilo que ela falou não tem tanto valor. Ela só utilizou o que viu na agenda e representou a visão dela sobre o assunto. Mas você precisa de uma visão própria sobre isso. Isso é um dos aspectos iniciais para o método científico. Não tome somente uma visão como correta.

De repente, as paredes da “sala caleidoscópio” começaram a refletir os momentos onde Julia se apresentava para mim.

— Embora sua habilidade possa prever padrões, ela está fora de seu controle real. Você está observando padrões infinitos de algo que nem ao menos entende.

— Mas eu já entendi que foram cálculos. Eu previ tudo com informações básicas da física. Isso é cientificamente possível!

— Não, não é. Você está esquecendo do bom e velho caos. — Ennui falou levantando da cadeira. — Fatou, não é possível saber de coisas que ainda não aconteceram.

Ao terminar de parafrasear, minha expressão ficou muito mais séria. Lembrar de minha conversa com Hauser tirou todo meu humor.

— O que isso quer dizer, afinal?

— Coisas que não aconteceram não podem ser previstas, pois elas não têm informação! Não têm dados! Elas não aconteceram, pelo menos não para você. As variáveis do momento não são o bastante para saber do futuro. O que importa mais é a condição inicial. O bater de asas. Se você não sabe o que aconteceu no início... No início do início, não há como prever. Acreditar que todos os dados entregues para você vão dar uma causa e uma consequência é besteira. Você mesmo descobriu isso. O mundo é criado por possibilidades, mesmo para alguém com capacidade infinita de processamentos. Isso pode parecer um monte de idiotice quântica e desnecessária, mas nós já vamos chegar lá.

— Mas Julia me disse! Ela me disse que eu poderia coletar as informações do universo e então determinar o futuro. Eu...

— Fatou, se uma pessoa pudesse ter todas as informações do universo para criar uma previsão correta, como ela poderia caber no universo? Seria todo o universo em uma mente dentro do universo. Isso é um tanto quanto impossível.

Tentei me sentar no chão da sala para acalmar minha mente e tentar compreender tantas informações. O próprio chão parecia um espelho, refletindo todas as cenas mostradas ao meu redor. Novamente a sala me mostrava mais momentos vividos durante as duas semanas, dessa vez, quando eu conversava com meu professor.

— Mas não é preciso eu saber todas as informações, era só ler o fractal, não? Digo, é pra isso que essa habilidade serve. Com poucas informações eu determino o padrão do fractal e já entendo o todo pela parte — falei tentando cortar a linha de pensamento, antes que perdesse as chances de perguntar.

— Então, qual fractal você leu? Que fractal em todo o universo te mostrou o futuro?

Eu não sabia. Embora tivesse aceitado facilmente esta explicação no passado, agora, eu não tinha qualquer forma de defendê-la.

— Fatou, tudo que você viu existe para te ensinar algo. Uma lição importante: Mesmo que a natureza seja determinada e que você conheça todas as leis da natureza, o futuro ainda poderá se demonstrar incerto. Isso é porque o futuro não existe. Porque as possibilidades ainda estão a nossa frente. Elas são o que nós somos.

Novamente, tudo a minha volta mudou de cena, agora podia ver minhas conversas com Julia.

— Fatou, você conhece o princípio antrópico, não?

Mais perguntas sem sentido. Por que ele não vai direto ao ponto? Acho que posso dizer que isso é culpa minha, afinal.

— Sim, sim. A ideia de que o universo existe para ser observado. Algo sobre ser impossível de provar o universo se não houvessem seres inteligentes.

Ennui riu.

— O princípio antrópico foi muito usado pelos cientistas nos últimos anos para explicar uma situação sem saída da ciência. A sobreposição quântica. Como saber se um elemento é uma partícula ou uma onda? Ok, vou tentar ser mais rápido nessa explicação. Eu também nunca fui muito bom em física. Só sei do que sei por ficar vendo o Tobias falar disso por anos e anos, repetindo e *repetindo*. Sabe quando falam que o seu subconsciente absorve parte do que ouve enquanto você dorme? Sim, isso é verdade.

— Espera, o professor falava de física quântica enquanto eu dormia? — Não conseguia acreditar. O que ele fazia dando aula para alunos do colegial? Sinceramente, a parte mais irritante é que consigo imaginar ele falando de tais matérias com tanta animação. Será que Aleksandr e Evellyn também acabaram aprendendo tanta coisa inútil?

— Acho que tem um pouco de Wikipédia no meu conhecimento também. Só as aulas dele não me dariam tanta informação.

— É eu imaginava. Pesquisava muita coisa inútil na internet.

— Bem... Não foi só **você**, mas de fato, Isamu Fatou pesquisa coisas inúteis na internet. — Ennui falou olhando para as imagens que continuavam trocando a minha volta. Podíamos ver Amós nos entregando a chave.

— Pulando toda a idiotice quântica, você pode ir para a explicação onde o consciente normal e não superdotado pode entender?

Ennui riu mais uma vez.

— Os físicos precisavam saber como interpretar o mundo. Se eles consideravam algo como partícula, o elemento agia como uma partícula, mas se eles consideravam algo como onda, esse algo também agia como uma onda, mesmo que os dois tenham naturezas completamente diferentes. O simples fato de uma pessoa pensar em algo mudava o universo.

O pensamento humano é considerado um dos elementos mais caóticos no universo.

De fato, Tobias já havia dito algo parecido.

— Então os seres humanos existem para poder resolver a sobreposição quântica?

— perguntei para acelerar a explicação.

— E o universo existe para ser observado. Sem a resolução desse problema, seria difícil dizer como os elementos agiriam. Quais poderiam agir como onda ou quais poderiam agir como partícula?

Embora eu estivesse entendendo a ambiguidade da situação, o papo quântico ainda fazia minha cabeça doer.

— Vamos trocar essas ondas e partículas por algo mais fácil? Não sei como eu posso ter dor de cabeça na minha própria cabeça, mas isso está acontecendo até que bastante — falei com uma de minhas mãos apertando uma têmpora.

Ennui pôs a mão na frente da boca, como se estivesse pensando. Após alguns segundos ele parecia ter encontrado a solução para facilitar a explicação.

— Schrödinger. Acho que Schrödinger vai dar.

— O do gato? — perguntei. Talvez fosse só uma pergunta retórica, porque eu não consigo imaginar nenhum outro Schrödinger.

— É, não consigo imaginar nenhum outro, também. — Ennui falou ao ler meu pensamento. Privacidade é importante, sabia? — Mas, sim, vamos falar sobre o gato de Schrödinger.

O experimento de Schrödinger se baseia em botar um gato dentro de uma caixa completamente fechada, impossível de vazar informações. Um dispositivo, dentro da caixa, age de forma quanticamente aleatória, de tal modo que seja impossível saber se ele vai ou não ativar, nem mesmo de forma estatística. Se o dispositivo ativar, o gato morre, caso o contrário, ele continua vivo. Como o observador está fora da caixa, é dito que o gato está vivo e morto ao mesmo tempo, o que causa um tipo de...

— Só um momento... O experimento causa um paradoxo, não? Se você está dizendo que ele é uma alusão à Sobreposição Quântica, então isso vai contra o princípio antrópico. É impossível o gato ficar vivo e morto ao mesmo tempo. Mesmo que eu não esteja vendo — falei percebendo a contradição entre o que ele falou antes e o que o experimento resultou.

— Exato. O gato está ou morto ou vivo. Nesse caso, um elemento é ou uma partícula, ou uma onda, mesmo que não estejamos vendo. Mas como você explicaria isso? Como você pode falar que ele está morto? Como você pode falar que ele está vivo? Partícula? Onda? Deus saiba o que mais! — Ennui levantou da cadeira. As luzes foram se desligando. Ao meu redor, as imagens mostravam o corpo de Amós no chão, junto de um

garoto de 10 anos que chorava em luto profundo. — Fatou... Existe uma outra explicação. Uma outra teoria. Algo que responde desde a sobreposição, até o gato de Schrödinger. Existe algo que pode explicar tudo isso e ainda assim...

Por quê? Por que eu iria querer saber disso? Tudo que quero é uma resposta ao que aconteceu nas últimas duas semanas. Qual a necessidade de responder a sobreposição de ondas, o princípio antrópico ou o gato de Schrödinger? Eu não sou nenhum físico, nenhum matemático, sou um simples garoto que foi puxado para uma situação imbecil contra a sua vontade. Tanto cientificismo desnecessário. Qual é o motivo?

— O motivo é que você é como o gato. Você não sabe se está vivo ou está morto. Não sabe quem você é e não sabe o que aconteceu. Fatou, isso é tudo mais importante do que você imagina. — Ennui falou pondo a mão em meu ombro. Sua voz parecia muito menos entusiasmada e mais tenra. — Existe uma outra teoria: A teoria dos muitos mundos.

Muitos... mundos?

— Você está falando...

— De universos paralelos. — Ennui me completou. — Se no momento que o dispositivo ativar, duas linhas de tempo paralelas forem criadas, uma com o gato vivo e outra com o gato morto, o experimento será concluído sem paradoxos. Se no momento que um ser humano olhar para um elemento, dois universos paralelos aparecerem, um com uma partícula e outro com uma onda, a Sobreposição será resolvida. Eu não estou dizendo que o princípio antrópico está errado, pelo contrário, estou dizendo que nós agimos como os agentes que criam novos universos. Nós estamos criando novas histórias a cada momento que vivemos. É possível compreender ainda mais que isso, de forma que todas as possibilidades criam mais universos ainda, num emaranhado de linhas do tempo brotando de linhas principais criando uma verdadeira árvore de realidades.

As imagens nas paredes forcaram no momento em que encontrei Hauser no beco escuro. A faca me parecia tão brilhante quanto no dia em si.

Ennui continuou a falar:

— Já conseguiu imaginar o que são linhas do tempo? Você já pensou em como elas se desenvolvem? Como elas crescem? Onde linhas se dividem em mais linhas que se dividem igualmente em mais linhas infinitamente. Você consegue entender onde eu estou chegando, Fatou? A forma que elas tomam, a forma que elas se reproduzem. Nada disso é uma coincidência. Elas são mais do que simples linhas espalhadas... Elas são-

— Fractais — falei ao compreender do que ele falava.

Fractais estão a toda nossa volta. Eles criam padrões infinitos de repetição. Embora o mundo não deixe que o infinito se expresse, em todo o planeta existem formas que

imitam os fractais verdadeiros. Padrões que se repetem o quanto podem, de forma que criem todo tipo de existência caótica. Árvores, flocos de neve, montanhas e costas marítimas. Veias, DNA e o próprio pensamento humano. Todo o universo toma um padrão de forma que pareça que ele foi criado por uma forma de biscoitos.

Entretanto, o universo não é nenhum criador, ele é só mais um nessa brincadeira maldita. Universos, mais do que um único, se repetindo e se recriando. Como uma árvore, as linhas do tempo se espalham como troncos, galhos, folhas.

Se alguém pudesse ler tamanho fractal...

O que ele poderia ver?

Eu estava atônito. Se isso fosse verdade, então o que é minha habilidade? Eu realmente previ o futuro?

— O que foi que vi? Há duas semanas, quando eu achei ter visto meu futuro macabro, o que realmente vi?

De repente, as luzes da sala caleidoscópio se apagaram. As paredes continuavam a refletir imagens, mas o ambiente estava tão escuro que era impossível perceber o que de fato elas estavam mostrando.

— Você viu a morte de Isamu Fatou. — Ennui respondeu.

— Eu sei muito bem disso — falei nervoso. Embora tivesse de perguntar, um medo crescia em mim. O medo de perceber o que estava acontecendo ali. — O que eu quero saber é... Qual Isamu Fatou?

De repente as luzes se ligaram novamente. As paredes piscavam mostrando diversas imagens diferentes, como se todas estivessem desconectadas, mesmo que mostrassem a mesma cena. Embora estivesse em um plano imaginário, uma ânsia me atacou. A imagem era demais para mim: As paredes refletiam diversas imagens semelhantes a que vi há duas semanas. Eu estava morto. Eu estava morto de diversas formas diferentes. Era como se eu tivesse morrido centenas de vezes, sempre caído com ferimentos graves dentro de um beco escuro. Era infinito. Elas não paravam. A cada vez que passava, eu morria de uma forma mais horrível, com ferimentos mais dolorosos, com situações mais distorcidas.

— Obviamente, o de outro universo. — Ennui respondeu olhando para as imagens. Ele parecia muito mais tranquilo do que eu estava.

— Então... Quem é você? — perguntei tendo alguma ideia da resposta.

— O primeiro. Aquele que não tinha qualquer culpa. — Ennui falou quando as paredes pararam na imagem de sua morte. Aquele era um Fatou que não sabia de nada, que simplesmente tentou salvar a garota que ele conhecera há pouco tempo. Ele só não gostaria de deixá-la morrer. Uma facada no peito foi o único ferimento, tão limpo e seco

como deveria ser. Aquele era o meu eu ideal, o garoto que morreu com um sorriso de satisfação, sem qualquer arrependimento.

— Você...

— Eu estou aqui há um bom tempo. Desde que você aprendeu a ler fractais. No momento que você leu a minha realidade, eu apareci. Mas, é claro, você não tinha habilidade para ler. É como aprender a ler qualquer coisa: No início te falta prática e agilidade com os símbolos, ler coisas erradas e mal-entendidos são frequentes, mas após muito treino, a fluência vem. Os treinos podem ser o que você chamou de visão e a falta de detalhes nelas eram a sua falta de prática. Essa falta de prática, porém, trazia uma situação terrível, que era a sua morte. Depois de centenas de mortes, você ainda não conseguia ler o fractal com habilidade até que...

— Até que...?

— Bem. Até que você conseguiu. — Ennui completou.

— Espera... Você não pode estar querendo dizer que...

— Sim. O que aconteceu há duas semanas? Bem, você estava de férias há duas semanas. Seu primeiro dia de aulas é hoje, para ser exato. E tudo que você viu durante todo esse tempo... Tudo isso foi o que você chama de “visão”. — Ennui falou com um sorriso simpático no rosto.

— Ah, não. Não, não, não. Você não vai andar na estrada do Nicolas Cage — falei de forma enlouquecida. Aquilo era demais para aceitar de mãos abanando.

— Estrada do Nicolas Cage?

— Sim! Naquele filme onde ele é um vidente, acho que o nome era *Next* ou algo do tipo, e ele passa o filme todo tentando salvar a mulher dele, mas aí uma bomba nuclear explode e ele acorda na cama dele pensando “ah, foi tudo uma visão, ufa, que bom” aí ele vai e liga para a polícia e então o filme acaba. Sim, o filme acaba. Eles nem mostram o Cage desarmando a bomba ou ao menos achando a bomba e, por Deus, achando uma forma de salvar a mulher, coitada. O filme acaba sem qualquer outra explicação. Não, não vou andar nessa estrada. Você está me enganando. Você está falando que tudo isso que eu passei foi “só uma visão”? Você quer dizer que vou ter que passar por tudo **de novo**? Digo, tudo que eu fiz não contou pra nada? Não, não consigo. *Nope*. Sem chances. Não vou ouvir. Isso é idiotice.

— Meu Deus, Fatou, como você consegue ser tão imbecil? Agora eu entendo porque nos falam para parar com as malditas referências, isso chegou a um nível doentio. Acorde para a vida, garoto! — Ennui falou dando um tapa na minha cara. — Você se lembra de tudo, não é? Se lembra que você decidiu salvar a todos? Você, Julia e as dez mil pessoas, não? Você vai desistir disso? Vai fazer isso contar como nada? Você vai pisar no desejo de

uma antiga versão de você que, vamos falar a verdade, não é nada mais do que você mesmo?

— O que eu posso fazer? Acabei de saber que morri centenas de vezes e nenhum dos “eus” conseguiu fazer nada! O que tenho de tão diferente?

— A prática! Você aprendeu a ler os fractais. Você sabe tudo que aconteceu antes. Você praticamente **viveu** em um outro universo. Você sabe quem vai te matar, os motivos para ele fazer isso e mais importante que tudo, você sabe quem você deve proteger.

Fiquei quieto. O que ele falou me fez lembrar mais uma vez por tudo que passei. Haha! Mas que piada. Tudo aquilo foi um sonho desde o início? Vou acordar daqui há pouco e perceber que não aconteceu nada de verdade? Todos vão esquecer... Todos vão estar de volta ao normal...

Até mesmo...

— Ennui. Mas e ela? Ela existe, não? Ela vai aparecer? Julia vai estar lá quando eu acordar?

Ennui parou de me chacoalhar e sorriu.

— Não tem outra forma. É claro que ela vai estar lá. Foi ela quem causou tudo isso, no final. — Não consegui compreender o que ele havia falado, mas ele continuou falando mesmo sabendo disso. — Você vai voltar e vai impedir que esse desastre aconteça. Você é o primeiro de nós que conseguiu saber do que sabe, o primeiro que tem a força e a coragem para fazer o que precisa.

— Eu... Não sei...

Antes que eu terminasse de falar, um soco inesperado veio na direção do meu nariz. Embora ele não fosse muito forte, o soco doeu mais do que eu esperava.

— Ai! Seu nariz é duro como uma pedra, o que você tem nele? — Ennui falou balançando a mão.

— Um osso, seu imbecil!

— Da próxima vez, tenta tirar essa coisa, é grande demais pra sua cara.

— Do que você... — Não continuei. É claro. Ele só podia me dar um soco em uma ocasião. Uma ocasião que foi criada não por mim, mas por outra versão minha. Uma promessa onde eu lhe daria um soco caso não conseguisse o que me foi prometido, mas, caso o contrário... — Eu não tenho toda essa coragem. Eu não sou você. Você pulou na frente dela sem saber o que estava acontecendo. Você foi para salvá-la. Você estava satisfeito com o que havia feito. Eu não...

— Fatou, qual é a diferença entre nós? O que faz de mim um ser novo? Eu tenho o mesmo DNA e a mesma cara linda. Eu tenho a mesma casa e moro no mesmo lugar. Sou só uma possibilidade, uma das pessoas que você poderia ter virado. Mas não se confunda: Eu

não sou nenhuma pessoa que você não poderia virar. Nosso verdadeiro “eu” nunca andaria em caminhos que nós repugnamos, nós nunca passaríamos por nada que achássemos errado. A minha diferença é por alguma coisa besta, que você não percebeu e decidiu fazer diferente e isso não significa que não há volta. Nós somos a mesma pessoa, em escolhas diferentes, mas sempre há a chance de fazer escolhas perdidas no futuro. As oportunidades nunca são totalmente perdidas. Não sou só um possível você no presente ou no passado, eu sou um possível você no futuro também.

Abaixei minha cabeça.

— Mas você viveu uma vida diferente. De alguma forma, você não viveu o tédio que eu vivi. Aquela expressão... Aquela satisfação...

— Aquilo tudo pode ser vivido por você! Quantas vezes você acha que nós já morremos? Quantas vezes você acha que nós salvamos Julia Brontë da morte iminente? Todos nós fizemos o que tínhamos que fazer, mas todos nós falhamos. Nosso universo não era o determinado para salvar aqueles que precisam ser salvos. Na sua vez, teve algo de diferente, algo tão pequeno quanto um bater de asas de uma borboleta. Algo tão minúsculo que fez você ser desse jeito, mas é exatamente isso que vai nos salvar. A minha vida é a prova. Eu existir é a evidência de que você ainda tem salvação. Fatou, eu sou você.

Ele... Ennui... Ele sou o que sou. Uma versão paralela.

Haha! Que piada.

O meu “eu ideal” estava aqui, do lado, na minha mente. É tão idiota quanto o fato da “coragem” estar no meu nome todo esse tempo.

Nunca percebo o que está embaixo do meu nariz, não é mesmo?

— Não, nós não percebemos.

Sorri e andei em direção de Ennui.

— Eu havia dito... — E o soquei com toda minha força. — ...que se estivesse entediado, o soco era meu.

Ennui levou a mão ao local do soco, assustado. Ele parecia incrédulo.

— Você...

Sorri.

— Eu estou entediado. Totalmente entediado. Eu poderia morrer de tédio nesse exato momento. Mas isso vai mudar quando eu acordar, não? Que coisa maravilhosa, eu vou fugir de psicopatas maníacos e andarei com uma garota tão maluca quanto eles.

Estendi a mão na direção dele.

— Se eu não ficar satisfeito com isso, como eu poderia ficar satisfeito com uma vidinha de merda igual à que você teve?

Ennui sorriu de volta. Ele pegou a minha mão e me cumprimentou. Logo ele começou a produzir um leve brilho.

— Você sabe o que deve fazer, não? — Ennui perguntou.

— Nenhuma ideia. Mas essa é a graça, não é?

— Não sei como confio tanto em você. — O brilho a sua volta aumentava cada vez mais. Ele fechou os olhos. — Agora é por sua conta.

— Pode deixar, eu acho.

— Acho que algumas coisas não mudam, não é? — Ele riu e, logo após, fez uma expressão séria. — Só quero te avisar uma coisa. Tome cuidado com ele. Não importa quanto nós estejamos planejando, ele sempre parece estar um passo à frente.

Ele...?

— Laplace. — Ennui falou ao desaparecer. O brilho o tomou por completo e logo ele sumiu em pequenos pontos de luz.

Minha mão ainda parecia segurar a mão dele. A sensação era estranha, porém calma. Sentia um tipo de tranquilidade. Satisfação.

Nesse momento eu estava completo.

Eu não era somente Fatou.

Eu não era somente Ennui.

As memórias que estavam
mas também não eram de nenhuma
muitas vidas, mas a minha só estava



em minha mente não eram minhas,
outra pessoa neste mundo. Eu vivi
para começar.

Neste momento, eu sou Isamu

Fatou.